



Colégio Santa Cruz



# PROF. LUIZ EDUARDO CERQUEIRA MAGALHÃES

O EDUCADOR QUE INVENTOU O FUTURO





Publicação comemorativa dos 68 anos de Colégio, é também uma homenagem pelos 10 anos de morte do perfilado. A reportagem “Prof. Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães: o educador que inventou o futuro” é parte de uma série mais abrangente, “Santa Cruz de perfil” (de retratos diversos, com padres, educadores e funcionários da escola), encomendada a jornalistas e escritores, que se propõe reunir e recuperar a história do Colégio. Esta edição foi redigida pelos jornalistas Alejandro Miguelez (ex-aluno da turma de 1992) e Camilo Vannuchi (ex-aluno da turma de 1996).

Dezembro de 2020

Série “Santa Cruz de perfil”

**Projeto Editorial:**

Alejandro Miguelez

Fábio Marinho Aidar

**Projeto Gráfico:**

Fabiana Fernandes

“Prof. Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães:  
o educador que inventou o futuro”

**Redação:**

Alejandro Miguelez

Camilo Vannuchi

**Revisão:**

Tânia Sandroni

**Foto de capa:**

Fabiano Feijó

**Diagramação:**

Victor Buck

**Impressão:**

Aildo Carlos Oliveira Santos

Fredson Ribeiro de Sousa

# PROF. LUIZ EDUARDO CERQUEIRA MAGALHÃES

## O EDUCADOR QUE INVENTOU O FUTURO

*Professor de Matemática, líder e articulador, leitor de Manuel Bandeira e apurado conhecedor do mapa gastronômico de São Paulo, Eduardão foi o primeiro diretor geral leigo do Colégio, fechando um ciclo de quarenta anos sob o comando do Padre Corbeil. Visionário, o “Grandão” – como o antecessor o chamava – intensificou na escola a pesquisa sobre novas tecnologias, concebeu a Educação Infantil e construiu o teatro. Suas contribuições fundaram o Santa que conhecemos hoje.*

Luiz Eduardo estava eufórico. Dali a poucos dias, em 13 de setembro de 2002, o cantor e compositor João Bosco viria ao Colégio inaugurar o novo teatro. Os três shows, previstos para os dias 13, 14 e 15, já estavam com os ingressos esgotados. Na sequência, o novo teatro receberia um monólogo do ator Paulo Autran e outro da atriz Fernanda Montenegro, as maiores divindades das artes cênicas no Brasil.

Sobravam razões para a euforia do diretor geral do Colégio. Primeiro, a sensação de alívio ao ver o teatro pronto, com mais de 500 lugares na plateia, pé-direito de 13 metros e uma arquitetura moderna, grandiosa, versátil, capaz de acolher com o mesmo conforto peças minimalistas e grandes musicais. Segundo, porque todos os custos tinham sido calculados com rigor e todo o investimento estava equacionado, graças ao planejamento cuidadoso e à economia feita pela escola desde 1997, cinco anos antes, quando a proposta de construir um teatro fora aprovada pelo conselho administrativo.

Não tinha como ser diferente. Aos 57 anos, Luiz Eduardo entendia que não haveria uma forma mais inspiradora de comemorar o aniversário de 50 anos do Colégio do que oferecer um teatro de presente para a cidade. E não um teatro qualquer, mas um baita teatro, com projeto arquitetônico premiado na Quadrienal de Praga e assinado pelo reconhecido J. C. Serroni em parceria com Edson Elito e Gustavo Lanfranchi. “Um belíssimo edifício teatral”, dizia reportagem publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Quando João Bosco começasse a cantar *O bêbado e a equilibrista* naquele palco, Luiz Eduardo estaria na plateia com a mulher, Maria Antonia, e seus filhos. Em breve viriam os netos. Luiz Eduardo já era avô de uma menina de 3 anos, a Teresa, e de um menino de 1, o João, que logo estariam aptos a se matricular no curso de Educação Infantil, concebido e inaugurado sob sua batuta, dois anos antes. Em breve, os dois estariam saltitantes pelos jardins da escola. Jogariam bola naquele campo, brincariam no Pátio Azul e frequentariam aquele teatro.

Havia, ainda, um terceiro motivo para euforia. Além de inaugurar o teatro e comemorar os 50 anos da escola, Luiz Eduardo anunciaria a compra de um terreno para a construção de uma segunda unidade, na Avenida Corifeu de Azevedo Marques, atrás da Cidade Universitária. A unidade 2, como a novidade foi apresentada, era um projeto para o futuro, ainda sem previsão de data para o início das obras. O plano de Luiz Eduardo era montar ali uma escola bilíngue, uma resposta a uma demanda cada vez mais comum por ensino em inglês. Nos anos seguintes, o projeto dividiria o entusiasmo de Luiz Eduardo com outras iniciativas, como o novo pavilhão do Fundamental e a construção de uma garagem subterrânea para fazer do Santa um campus livre de automóveis.

A verdade é que, na primavera de 2002, o Colégio estava em ebulição. E a euforia de Luiz Eduardo tinha também a ver com a alegria de conduzir o Colégio num momento simbólico como o cinquentenário. A Educação Infantil, o teatro... eram tantas as novidades. Nem parecia que fazia apenas oito anos que ele substituíra Padre Corbeil na direção geral. Corbeil, o fundador do Colégio, falecido no finalzinho do ano anterior, por certo estaria orgulhoso. Uma pena o canadense não estar mais ali para ouvir João Bosco. *A esperança equilibrista / sabe que o show de todo artista / tem que continuar.*

\* \* \*

Luiz Eduardo tomou posse na direção geral em 1993. Desde 1986, exercia a função de vice-diretor.

Salvo duas ou três breves ocasiões em que Padre Corbeil se licenciara do cargo, o Santa tivera um único diretor geral desde a fundação, em 1952. Lionel Corbeil nasceu em Montreal, no Canadá, em janeiro de 1914, e migrou em 1944 para São Paulo com a missão de instalar a Congregação de Santa Cruz e, em seguida, um colégio. Bem-sucedido em ambas as tarefas, Corbeil permaneceria por quatro décadas no cargo. Nos períodos de licença, quem assumia o leme eram seus colegas canadenses: no início, Padre Gilles Beaulieu, também fundador do Colégio e vice-diretor até meados dos anos 1960, e, em seguida, o Padre Paul-Eugène Charbonneau, vice-diretor desde 1965.

Em meados dos anos 1980, quando Corbeil passou dos 70, planejar a sucessão tornou-se uma tarefa iminente. Mesmo que estivesse lúcido, forte e saudável, não parecia adequado manter Corbeil no cargo indefinidamente. Era preciso reduzir-lhe a carga, subtrair responsabilidades, deixá-lo descansar. Talvez aos 75, quem sabe. A aposentadoria viria por volta de 1990. Até lá, haveria tempo o suficiente para organizar o futuro.

A criação de uma vice-diretoria dupla, formada por um religioso e um leigo, foi uma das etapas desse processo. Onze anos mais moço que Corbeil, Padre Eugênio, como Charbonneau era chamado por alunos e professores, daria continuidade à pedagogia humanista que norteava o ensino no Santa Cruz ao mesmo tempo em que manteria preservados os laços com a Congregação, mantenedora do Colégio. Luiz Eduardo, por sua vez, assumiria a gestão administrativa e funcionaria como ponta de lança do projeto de laicização, iniciado no final dos anos 1970, quando professores leigos se tornaram maioria entre os diretores e vice-diretores dos cursos de primeiro e segundo graus.

A morte precoce de Charbonneau, em 1987, adiantou em alguns anos a chegada da direção 100% leiga. Padre Corbeil tinha 73 anos de idade e começaria, aos poucos, a passar o bastão para Luiz Eduardo. Agora, pela primeira vez na história do Colégio, o diretor geral não seria um padre.

Como a novidade seria recebida pela Igreja, pelos pais, pelo setor educacional? Não era cedo demais para uma mudança tão significativa? Coube ao padre Corbeil e ao padre Paulo Grenier, Superior da Congregação de Santa Cruz no Brasil, decretar que não. Tanto o Colégio quanto a cidade de São Paulo estavam prontos.

Quarenta anos após a fundação do Santa, havia chegado a hora de dar um novo passo rumo ao desconhecido. Fora assim quando os missionários canadenses escolheram se instalar no Brasil, nos anos 1940. Fora assim quando decidiram trocar o tradicional bairro de Higienópolis pela distante várzea do Rio Pinheiros, ainda carente de calçamento, água encanada e linhas de ônibus em meados dos anos 1950. Fora assim quando o curso se abriu para as primeiras alunas ou quando se decidiu criar um curso supletivo no período noturno, em meados da década de 1970.

Na antessala do século XXI, a substituição de um padre por um diretor leigo parecia não somente uma contingência, mas também uma estratégia. Contingência porque os próprios religiosos de Santa Cruz haviam chegado à conclusão de que não existia entre eles alguém talhado para a função. Estratégia porque os novos desafios impostos pela sociedade rumo a uma educação moderna pareciam exigir carismas e vocações diferentes das eclesiais. No limite, embora a Congregação reunisse uma dezena de sacerdotes em São Paulo, nenhum outro atuava no Colégio e reunia qualidades de gestão e orientação pedagógica naquele momento.

Padre Roberto fora sempre dedicado ao projeto social no Jaguaré, sem jamais lecionar ou exercer cargo de direção no Colégio. Padre Lourenço, que nos anos 1970 fora vice-diretor do Curso Supletivo, precursor da Educação de Jovens e Adultos (EJA), havia se desligado do Colégio em 1987. Dizia que lhe faltava vocação para a atividade pedagógica e que era preferível ser vigário num bairro periférico, como o Jaguaré. Padre José, professor do Santa desde os tempos da Avenida Higienópolis e diretor do ginásio nos anos 1960, também se desvinculou em seguida e passou 15 anos como professor na Unesp, em Marília e em Araraquara, e agora coordenava uma comunidade eclesial de base em Pirituba.



“Àquela altura, o Santa Cruz havia se tornado uma referência em São Paulo, mas era preciso avançar”, contou Padre Roberto aos autores deste perfil dois meses antes de falecer em decorrência de um câncer, em outubro de 2020. Segundo Padre José, o Colégio só ganhou com a transmissão da direção para um educador leigo. E o nome escolhido não poderia ter sido mais acertado. “Luiz Eduardo foi o salvador do Colégio”, diz. “Talvez soe um pouco exagerado, mas dentro da congregação não havia ninguém em condições de assumir o lugar do Padre Corbeil. Tinha gente boa, mas ninguém dotado de vocação para dirigir um colégio, ninguém com esse carisma”.

Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães integrava o time de diretores desde 1973, quando virou vice-diretor do Ensino Médio. Em 1980, foi alçado a uma das cadeiras da vice-direção geral. A transição dos religiosos para os educadores leigos começou a se desenhar ali. Naquele ano, todos os cursos já tinham diretores leigos: Isame Maeoca, no Ensino Médio; Luiz Antonio de Souza Amaral, no Fundamental, e Sérgio Haddad, no Supletivo. Mais tarde, quando Isame Maeoca demonstrou interesse em deixar a direção do curso e arrendar a cantina do Colégio junto com a esposa, a Dona Egle, foi Luiz Eduardo quem sugeriu a Padre Corbeil o nome de Maria Lúcia Montoro Jens para assumir o Colegial, em 1989.

Professora de filosofia desde 1967, Malu tinha sido sua colega na docência por mais de 15 anos e assumiu a coordenação do curso no final dos anos 1970, até deixar a escola, entre 1983 e 1987, para uma breve passagem pelo governo do Estado, durante a gestão de seu pai, o ex-governador Franco Montoro. Exonerada por ocasião da troca do governador, em março, Malu seria recontratada como vice-diretora do Ensino Médio e assumiria a direção no ano seguinte, sempre por iniciativa de Luiz Eduardo. “Ele já exercia uma influência enorme naquele momento”, ela conta. “Padre Corbeil ainda era o diretor geral, mas já delegava boa parte das decisões”. Malu entende aquilo como uma forma de preparar o sucessor. “Luiz Eduardo foi preparado, assim como mais tarde cuidaria de preparar todas as pessoas que assumiram funções de direção durante sua gestão, incluindo o Fábio”, diz ela, referindo-se a Fábio Aidar, que foi seu vice no Ensino Médio e a substituiu nos anos 2000, já numa espécie de etapa estratégica para substituir o próprio Luiz Eduardo na década seguinte.

A escolha de Luiz Eduardo como sucessor de Corbeil surgira de forma natural nos anos 1980, de modo que a morte de Charbonneau apenas apresou a transição. Já em 1984, por exemplo, Luiz Eduardo fizera sua primeira viagem internacional, justamente para o Canadá, junto com a esposa, Maria Antonia, e Padre Corbeil. O então diretor geral quis apresentar seu país e, principalmente, os primeiros colégios da Congregação de Santa Cruz àquele que, quase dez anos depois, o substituiria na direção geral. Não poderia haver melhor cicerone. Maria Antonia lembra de ter se surpreendido com a habilidade de Padre Corbeil em estabelecer articulações. “Ele era um *habitué* da elite política e cultural canadense e foi recebido pelo Trudeau”, conta, referindo-se a Pierre Trudeau, então primeiro-ministro do Canadá e pai do atual *premier*.

Enquanto Luiz Eduardo era “preparado”, alguns professores acreditavam que o sucessor de Corbeil seria Luiz Antonio, então diretor do Ginásio. Luiz Antonio tinha muito mais tempo de casa. Havia substituído o Padre José na direção do curso já em 1967, quando Luiz Eduardo ainda tinha 21 anos e estudava Física na USP. Alguns chegaram a intuir que os dois “luizes” dividiriam a direção, de forma que Luiz Eduardo assumiria a parte administrativa e Luiz Antonio, a parte pedagógica. Isso não aconteceu. Quando a morte de Charbonneau apresou a transição, a decisão já estava tomada.

A troca dos bastões foi finalmente agendada para 1993. Em 15 de janeiro do ano seguinte, Padre Corbeil completaria 80 anos. Havia chegado a hora de se aposentar. Por mais alguns anos, Corbeil continuaria frequentando a escola diariamente, conduzindo as cerimônias mais importantes e abrindo oficialmente as festas juninas. Mas, naquele momento, em 1993, por determinação do padre Paulo, o Superior da Congregação, o primeiro diretor geral do Colégio aceitou se aposentar.

Uma modesta solenidade foi organizada no saguão do Ensino Médio para oficializar a substituição. Professores e funcionários se acercaram, todos de pé e com uma taça de vinho na mão, e Padre Corbeil pediu a palavra para anunciar a nova fase:

— Fico muito tranquilo por passar a direção para o Grandão – resumiu.

\* \* \*

Com 1,87 m e dono de um vozeirão digno de gigante de história infantil, Luiz Eduardo se esforçava para não intimidar os alunos. As olheiras espessas e escuras que o acompanhavam desde a juventude conferiam à silhueta um aspecto grave como o timbre de voz. A impossibilidade de passar despercebido pelos corredores o tornavam especialmente quieto e tímido. E, para não parecer arrogante, do tipo que vê o mundo de cima para baixo, habituara-se a inclinar a cervical numa semideferência, até conseguir ver os interlocutores de frente, olhos nos olhos. Luiz Eduardo também se contorcia um pouco ao escrever no quadro-negro, tanto porque era mais alto do que a lousa quanto por ser canhoto: o que o obrigava a alguma ginástica para que o próprio punho não apagasse as letras que acabara de escrever com o giz.

Mais tarde, esses contorcionismos, combinados à ergonomia pouco adequada na maioria dos ambientes e às tensões do cargo, provocariam fortes dores nas costas e inflamações frequentes no nervo ciático. Adepto da automedicação, Luiz Eduardo recorria a métodos pouco ortodoxos para espichar a coluna, aplicando em si mesmo sessões de tração e descompressão das vértebras, o que às vezes o deixava estirado na cama, sem conseguir se levantar. Recorria também a um intenso consumo de anti-inflamatórios – o que, segundo um de seus médicos, acabou por lhe comprometer um dos rins antes dos 60.

Nas salas de aula, “exigente” e “rigoroso” são palavras que surgem com frequência para qualificar sua atuação como professor. Luiz Eduardo foi também autor de uma conhecida coleção de livros didáticos para o antigo Ginásio, escrita em parceria com outros dois professores do Santa. Os quatro volumes de *Matemática Criativa*, de Astor G. Dias Filho, João A. Pascarelli e Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães, foram publicados em meados dos anos 1970 pela Abril Cultural e atendiam às turmas de quinta a oitava série (equivalentes aos últimos quatro anos do Fundamental).

Apesar do porte, do rigor e do inconfundível vozeirão, Luiz Eduardo ganhou fama de gente boa, a ponto de virar amigo e confidente de parte

dos pupilos e das pupilas. Em sua sala, recebia jovens estudantes diante da incumbência de escolher a futura profissão e buscava orientar todo mundo. Aluna da primeira turma mista do Colégio, que ingressou no primeiro ano do Ensino Médio em 1974, a economista Elizabeth Rudge lembra que, apesar da postura formal, Eduardão demonstrava um interesse genuíno pelas pessoas, o que fazia dele um professor muito próximo dos alunos. “Era o adulto ao qual a gente recorria para conversar e tirar todas as dúvidas”, diz. “Se a gente estava triste, dava um pulo em sua sala e ele desempenhava um papel de conselheiro, um terapeuta informal”.

Dessa mesma turma de alunos, Candido Bracher, que depois voltaria à escola como conselheiro, lembra do “sorriso arcaico” do Eduardão, “um pouco convidativo, sempre provocador, sorriso com os olhos”. E acrescenta: “era muito seguro de si e nada dono da verdade, o que lhe conferia uma aura de autoridade, uma liderança e um respeito, entre alunos e professores. Era um articulador, capaz de transitar bem entre aqueles mestres, tão geniais quanto diferentes. Ele tinha um interesse muito autêntico pelas pessoas e temas: e isso era muito marcante”.

Maria Cecília Mattos Morello, a Cecilinha, que nos anos 1990 foi professora de Ciências no Fundamental 2, também fez parte da primeira turma mista e teve aula de Matemática com o Eduardão nos dois primeiros anos do Ensino Médio, em 1974 e 1975. “Ele foi a primeira pessoa que eu conheci no Santa”, diz. “Na época, o exame de seleção incluía uma entrevista com os candidatos e foi ele que me entrevistou”. Cecilinha ratifica a lembrança de um professor próximo, acessível e afetuoso. “No final de 1976, ele esteve na nossa festa de formatura, na casa de uma das alunas do terceiro ano”, conta. “No final, encheu o carro de meninas e nos deixou em casa. Coisa de pai”.

Esse carinho e essa proximidade acabaram por refletir também nos apelidos. Para Corbeil, ele virou Grandão. Para a maioria dos alunos, Eduardão. Vice-diretor do Ensino Médio entre 1973 e 1987, ele logo ganharia outro epíteto, menos dito do que sussurrado: se o diretor do curso, Isame Maeoca, tinha pouco mais de 1,50 m, nada mais acertado do que batizar a dupla de Zé Colmeia e Catatau.

\* \* \*

Eduardão, Grandão ou Zé Colmeia, aquele comprido professor de Matemática tinha 23 anos de idade quando começou a dar aulas no Santa. Era 1969, ano em que um homem pisou na Lua pela primeira vez, Peter Fonda e Dennis Hopper atravessaram os Estados Unidos de moto em *Easy Rider* e o general Emílio Garrastazu Médici assumiu a presidência do Brasil.

Recém-formado em Física pela USP, Luiz Eduardo lecionava simultaneamente em três colégios – o GEPE, colégio experimental na Lapa, o Porto Seguro, no Morumbi, e o Santa Maria, no Jardim Marajoara – quando seu nome foi indicado ao Padre Corbeil para assumir algumas aulas de Matemática. Duas irmãs, ambas professoras no Colégio, foram suas “madrinhas”. Nícia Wendel dava aulas de Biologia e era casada com seu irmão Edmundo, enquanto Lucy, irmã mais velha de Nícia, era professora de Química no Santa desde o ano anterior – e continuaria responsável pela disciplina até os anos 2000.

Nícia e Lucy foram mais do que cunhada e concunhada de Eduardão. Em meados da década de 1950, elas haviam se transformado em tutoras do garoto. Nascido em 7 de maio de 1945, mesmo dia em que a Alemanha assinou a rendição e pôs fim à Segunda Guerra Mundial, Luiz Eduardo colecionava notas vermelhas em meados da década de 1950. Os pais, beirando os 60 anos, já não o acompanhavam, de modo que o menino Eduardo acabou se mudando de mala e cuia para a casa do irmão Edmundo, 18 anos mais velho. O convívio com os pais se tornou mais esporádico, embora eles morassem num apartamento na esquina. A cunhada Nícia tratou de colocá-lo nos eixos. “Minha irmã era rigorosa”, conta Lucy. “Estabelecia um tempo para fazer lição, um tempo para o estudo, um tempo para literatura. E se ele se levantasse da mesa antes da hora, ela punha de castigo”. Ainda segundo a concunhada, Luiz Eduardo não tinha 10 anos e já estava reprovado em tudo. “Ele era vagabundo naquela época”, diz Lucy, sem papas na língua aos 96 anos, divertindo-se com a expressão escolhida para se referir ao comportamento do ex-chefe. “Até de música a gente deu aula de reforço”.

Custou, mas deu resultado. “Ele virou um indivíduo culto, lia muito, estava a par de tudo”, lembra Lucy. Quando surgiu a vaga no Colégio, as irmãs Wendel não pensaram duas vezes. A indicação surtiu efeito. Luiz Eduardo não apenas foi contratado como assumiu um cargo de vice-diretor do Ensino Médio já em 1973, aos 28 anos, apenas quatro anos depois de ingressar na escola.

Antes de aceitar o convite para um cargo administrativo, Luiz Eduardo procurou um colega, o professor e coordenador da área de Educação Física, Flávio Berthola Facca, que já tinha sido vice-diretor do Colegial, para se aconselhar: queria saber como eram os padres que dirigiam a escola e avaliar se convinha investir nesse caminho. Anos depois, acabaria por se aproximar muito da dupla de religiosos, especialmente de Padre Charbonneau. “Ele praticamente adotou o Eduardão naquela época, porque havia muita identidade entre eles”, diz Facca.

\* \* \*

No mesmo ano em que entrou no Santa, Luiz Eduardo se casou com a psicopedagoga Maria Antonia. Ele, com 24 anos. Ela, com 22. Ele, com 1,87 m. Ela, com 1,50 m.

Os dois se conheceram na USP, meio por acaso, em 1967. Aluna do Instituto de Psicologia, Maria Antonia fazia algumas aulas no Instituto de Biologia, onde o irmão mais velho de Luiz Eduardo lecionava. Primeiro, conheceram-se de vista. Antonia reparou que Luiz Eduardo ia com frequência encontrar o professor Edmundo e aproveitava para paquerar uma das alunas do instituto, amiga dos tempos de Fernão Dias, onde ele completara o Ensino Médio. O romance com a amiga nunca vingou.

Uma vez, Maria Antonia quase atropelou Luiz Eduardo, ali mesmo, no estacionamento. Mas a primeira conversa demorou a acontecer. Em 1968, os dois se encontraram por acaso numa festa de casamento. A noiva era Ana Clara, filha de Mário Schenberg, professor catedrático do Departamento de Física da USP, onde Luiz Eduardo acabara de se formar. Schenberg, por sua

vez, era amigo íntimo do pai de Antonia, o filósofo Cruz Costa, intelectual marxista e catedrático do Departamento de Filosofia na mesma universidade. “Eu estava com um namorado na ocasião e o Luiz Eduardo passou um tempão paquerando a minha irmã”, ela lembra, achando graça. “Depois que meu namorado foi embora, ele veio conversar comigo, se sentou ao meu lado, e ficamos assim até a festa acabar”.

Na mesma festa, Antonia saberia depois, Luiz Eduardo teria dito a uma amiga:

— Tá vendo aquela garota? Vou me casar com ela.

Ainda bem que o namoro de Antonia estava mais para amizade colorida, como se dizia. Em resumo: o cara rodou. Antonia e Luiz Eduardo começaram a se encontrar com frequência. Iam ao Cha Moon, um dos bares mais badalados do Centro, no primeiro andar da Galeria MetrÓpole, e também ao Paribar, que ficava no térreo, de frente para a Praça Dom José Gaspar. A frequência dos encontros começou a aumentar. Até que, no ano seguinte, com os dois já formados e Luiz Eduardo dando aulas em três colégios, resolveram juntar os trapos.

Por sugestão do pai da noiva, casaram-se na igreja dos dominicanos, em Perdizes.

— São uns padres legais — recomendou o sogro.

Os “padres legais” a que Cruz Costa se referia eram os frades dominicanos. Naquele ano de 1969, enquanto o país ingressava na fase mais violenta do regime militar, período que o jornalista Elio Gaspari chamou de “a ditadura escancarada”, os dominicanos haviam se tornado uma referência em engajamento político e social, inclusive nas homilias proferidas por Frei Chico das missas de domingo, cada vez mais lotadas. Sem radicalizar ou pegar em armas, os dominicanos passaram a apoiar iniciativas de enfrentamento à ditadura. Em novembro daquele ano, a militância dos frades resultaria na prisão de Frei Betto, Frei Fernando, Frei Ivo e outros dominicanos. Um deles, Frei Tito havia sido contratado no início do ano como animador espiritual no Colégio Santa Cruz. Barbaramente torturado na prisão entre novembro de 1969 e os primeiros meses de 1970, Tito foi um dos 70 presos

políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Bucher, sequestrado pela Vanguarda Popular Revolucionária em dezembro de 1970, e partiu para o exílio, primeiramente no Chile e, de lá, para a Europa. Atormentado pelos fantasmas da tortura, cometeria suicídio na França, em 1974.

Primeiro filho de Luiz Eduardo e Maria Antonia, Luiz Antonio nasceu no ano seguinte ao casamento, em outubro de 1970. Depois vieram outros três: Nando, Lena e Bel. Todos cursariam o Fundamental no Lourenço Castanho, mais perto de sua casa, um sobrado de frente para o clube Monte Líbano, no Jardim Luzitânia, a 500 metros do Parque do Ibirapuera, uma forma de evitar o constrangimento de ser filho do diretor, Luiz Eduardo justificava. Apenas Bel, a filha mais nova, cursou o Fundamental no Santa, experiência que acabou por comprovar a intuição do Grandão: Bel ficou de segunda época em mais de uma disciplina, passou de ano por deliberação do Conselho, e acabou saindo do Colégio pouco tempo depois.

\* \* \*

“Esse cara vai me mandar embora”, Facca desconfiou, quando, já desenhada a transição para o Luiz Eduardo, viu chegar o fim do ano de 1992 sem a costumeira conversa sobre as aulas e os treinos extras para o ano seguinte. Ele não imaginava que, após quase 30 anos de Colégio, seria ele um dos escolhidos para trabalhar ao lado do novo diretor geral, dia a dia, por mais 19 anos, como um de seus vice-diretores. A demora no convite ficou na conta do padre, que adia o quanto podia a própria saída e a constituição da nova equipe.

“Você vai alugar uma casa perto da minha em Ubatuba e vamos passar quinze dias em janeiro pensando o que faremos juntos no Santa”, teria dito o Eduardão assim que Corbeil oficializou a parceria. Até hoje, Facca lembra-se dessa viagem como o marco do início de uma relação de muita confiança, respeito e amizade. E de traçar os planos gerais das grandes mudanças que aconteceriam nos anos seguintes.

Eduardo tinha projetos para todas as áreas. Manifestou, desde aquela imersão em Ubatuba, a ideia de criar um plano de previdência privada



para os professores e funcionários da escola. Também pretendia promover reformas curriculares nos diversos cursos, instituir um projeto de prevenção ao uso de drogas, estabelecer diretrizes para as novas tecnologias, atrair os pais para ciclos de palestras, ampliar o campus, abrir a Educação Infantil e, até, construir um teatro. O que ambos planejaram naqueles dias, entre conversas com filhos, esposas e churrascos, foi como transformar aquela escola, dividida simbolicamente ao meio por uma rua de asfalto, em uma escola só, mais integrada e mais coesa.

Para tudo isso, Luiz Eduardo precisaria de mais parceiros, de gente ligada à escola, mas com um olhar mais distante, com outras experiências de vida. Decidiu renovar o Conselho Administrativo, que Padre Corbeil já mantinha há anos, conferindo a ele um formato mais dinâmico e diverso, no qual reuniria um notável grupo de pessoas de confiança, entre educadores, intelectuais e empresários, dispostas a compartilhar visões de futuro e orientar as próximas escolhas.

Ricardo Belotti, ex-aluno da turma de 1971 e membro do Conselho de 1995 a 2018, diz que nesse grupo via aflorar uma característica muito marcante do Luiz Eduardo, que era um “catalisador de pessoas”, um articulador e um visionário, muito conectado às mudanças complexas do nosso tempo e da educação. “Ele era um ser político, com grande autoridade moral junto a pais e conselheiros, e uma liderança exercida sem heroísmo nem ruptura; ouvia com atenção, consultava quem queria e decidia por conta própria”, avalia Candido Bracher, membro do Conselho de 1986 a 2018. “Acho que eu era o único ali que não tinha vínculo direto com a escola, não era ex-aluno nem pai de alunos; o Eduardo chamava quem pudesse colaborar, na área pedagógica, administrativa e de pastoral, e contava com isso; mas o fato de nesse grupo ter tanta gente que transpirava a filosofia de educação da escola o ajudava muito”, pondera Arthur Fonseca Filho, que participou do Conselho de 1995 a 2017.

Na gestão do Luiz Eduardo, a primeira responsabilidade do Conselho era avaliar o orçamento e garantir a saúde financeira da escola. E o Colégio “sempre foi um relógio” nessa área, segundo Belotti, e realizava o previsto com

precisão, em tempos de grandes incertezas econômicas. Na boa definição de Fábio Aidar, a gestão do Padre Corbeil previa que receitas e despesas deveriam empatar, enquanto Luiz Eduardo defendia que as receitas deveriam ser um pouco maiores do que as despesas, por segurança e, principalmente, para reinvestir no próprio Colégio e promover melhorias. Graças a isso, Eduardo conseguiu avançar em seus projetos, começando por cuidar da previdência e do plano de saúde dos professores e funcionários.

O Santa Cruz foi a primeira escola a contratar um plano previdenciário com o Itaú: era 1994 e todas as regras, desconhecidas, foram sendo construídas ali na parceria. Seu olhar estratégico fez com que Eduardo elaborasse regras como o limite mínimo de 30 anos de idade e cinco anos de contrato com o Colégio para aderir à previdência, uma forma de prevenir que professores e funcionários aderissem ao plano e deixassem o Colégio logo depois. Com cinco anos de casa, ele dizia, já era possível saber se escola e funcionário teriam uma relação duradoura. Outras rubricas estabeleciam percentuais de contribuição, que partiram de 60% do funcionário e 40% do Colégio e com o tempo se inverteram. Pensão para cônjuge, seguro de vida e seguro por invalidez permanente foram outros benefícios introduzidos pelo programa. O plano foi tão pioneiro que a Itauprev passou a utilizar o modelo e as planilhas do Santa para apresentar a proposta em outras escolas. Segundo Wagner Pittelkow, secretário geral da escola até 2011 e funcionário desde 1968, esse olhar prioritário para os vínculos de trabalho foi uma marca inicial de sua gestão, algo de que Luiz Eduardo já estava cuidando anos antes de assumir.

Outra ação imediata do novo diretor foi constituir uma comissão para pesquisar tecnologias na educação, coordenada por um de seus vice-diretores, Fábio Aidar. Eduardo era um grande entusiasta das novidades e percebia que essa área precisava de uma equipe própria dentro da escola, capaz de transitar entre os diversos cursos e integrar iniciativas. O novo Centro de Informática (CI) não demoraria a sair, em 1994, com 20 computadores e diversos cursos de formação para os professores. Também foi iniciada a informatização da biblioteca e a reforma do anfiteatro, para dotá-lo de

modernos recursos audiovisuais. “Naquela época, ele dizia que queria ter o melhor centro de informática dentro de uma escola em São Paulo, e que o Santa Cruz deveria se tornar uma referência entre os colégios na tarefa de inserir os professores na era dos editores de texto e da tecnologia”, conta Reinaldo Espinosa, professor de Física do Ensino Médio escolhido por Luiz Eduardo para coordenar o CI em 1997, mesmo ano em que o primeiro website do Colégio foi lançado. Desde então, o investimento em tecnologias educacionais não cessou e os debates sobre cultura digital só têm se intensificado. “Ele não só enxergava o futuro, mas ele moldava o futuro. Ele sentia as necessidades e as antecipava. Ele concebeu o Santa Cruz do século XXI”, diz Reinaldo.

Uma outra comissão criada assim que Eduardo assumiu a Direção foi a de Prevenção a Drogas, coordenada pela diretora do Ensino Médio, Malu Montoro: era necessário atualizar um trabalho pioneiro construído por Charbonneau nos anos 1980, com a colaboração do psiquiatra francês Claude Olievenstein, fundador do Instituto Marmottan em Paris. Para atuar com a equipe de orientadores, Eduardo convidou outro conhecido que passaria a ser um grande colaborador do Colégio, o psicólogo José Ernesto Bologna, também ex-aluno, da turma de 1965, que ficou responsável por aproveitar os alicerces do trabalho do padre educador e construir um projeto de enfrentamento do uso de drogas, como um tema complexo da juventude que exige atuação junto às famílias, com muita informação e diálogo. Esse programa segue sendo referência da ação educativa da escola até hoje.

Para Bologna, que também fez parte do Conselho Administrativo de 1995 a 2004, Duda, como o chamava afetivamente (mais um apelido na coleção do Grandão!), era muito hábil para lidar com essas relações com as famílias: “ele era sensível aos componentes necessários para lidar com os opostos, porque ele mesmo combinava características de um intelectual com as de um empresário, de um humanismo cristão em meio à aristocracia, de perceber quais os ingredientes que faltavam na salada”.

Um dos momentos de dialogar com os pais que Eduardo favoreceu durante sua gestão foram as palestras para debater os temas complexos da

educação e da contemporaneidade, que passaram a se organizar em grandes ciclos quando a escola começou a contar com o conforto do recém-construído teatro. Em 2004, por exemplo, os temas incluíram: o lugar da escola e da família na educação, a criança e o adolescente, educação e drogas, a autoridade educadora, os laços de família, a espiritualidade e as tecnologias. Os convidados eram especialistas em diversas áreas, como Leopold Nosek, José Outeiral, Rosely Sayão e Contardo Calligaris, Fernando Altemeyer e João Augusto Pompéia, além de alguns conselheiros – ou futuros conselheiros – como Fernando Reinach, Eugênio Bucci e o próprio Bologna.

Para cada encontro, Luiz Eduardo preparava um cuidadoso discurso de abertura e mediava a conversa com os pais, sempre acompanhado de mais gente da sua equipe. Ele gostava desse tipo de interação, que poderia ser tensa porque os temas eram complexos e a escola não fugia da sua responsabilidade, mas era também um momento de articulação: “Eduardo se dava bem diante da plateia, era muito culto e inteligente, rápido em conduzir a conversa e encantava pela capacidade de fazer sínteses e de revelar consensos”, avalia Belotti.

Eduardo tinha grande orgulho de ter trazido para o Colégio o Nobel de Literatura José Saramago, que participou de uma noite de autógrafos no dia 12 de maio de 2003. Esses encontros eram momentos formativos importantes, que Eduardo valorizava. Uma de suas últimas aparições públicas, já bastante enfraquecido, foi justamente em uma palestra sobre drogas, em março de 2010, com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Crítico da política de guerra às drogas que, segundo ele, vinha contribuindo para aumentar a violência e a população prisional sem promover redução no consumo, Fernando Henrique vinha defendendo publicamente a abertura do debate sobre a descriminalização das drogas, a começar pela maconha. No ano seguinte, o envolvimento do ex-presidente com o tema seria o mote do filme *Quebrando o tabu*, dirigido pelo ex-aluno Fernando Grostein de Andrade. Naquela palestra, Luiz Eduardo soube mais uma vez reverenciar os homenageados, Charbonneau e Olievenstein, e aproveitar ao máximo a conversa do convidado com a plateia.

\* \* \*

Segundo Candido Bracher, “Eduardo recebeu a missão de tornar a escola ainda mais plural, aberta e diversa, agora dirigida por um leigo, com professores e alunos em uma convivência natural e interessada, com muita liberdade de opinião, sem sectarismos”. Facca esclarece: “Contamos com o apoio da Congregação de Santa Cruz o tempo todo: os superiores no Canadá confiavam muito em nós e trabalhamos naturalmente integrados em grande harmonia”. Bologna acrescenta: “Ele levou o Santa a mudanças estruturais e foi guardião dos fundamentos da escola, inclusive desse aspecto mais dialógico do cristianismo; ele soube laicizar a escola, que era o projeto do Corbeil e uma exigência do tempo”.

Eduardo fazia isso com um senso de urgência notável: de acordo com seu secretário Wagner, “precisava ser um polvo para segui-lo e fazer tudo que ele demandava, desde cedo, quando começava a despachar do carro mesmo”. Valdir Aparecido dos Santos, que foi seu motorista por muitos anos, testemunhava essa sua mania de trabalhar, em muitas frentes e em quaisquer horários, sobre quatro rodas. Mas Candido pondera: “Ele era muito completo como executivo e educador, um tipo de jogador de futebol que decide o jogo do meio de campo, distribuindo a bola e sem sequer se despentear”.

Fábio Aidar, que acompanhou de perto a trajetória de seu ex-professor de Matemática do Santa (turma de 1979) e fora escolhido para ser seu vice-diretor na área administrativa e financeira, também destaca outras ações prioritárias nesses primeiros anos da gestão do Eduardão. “Ele entendia que a escola precisava se modernizar e crescer, por isso não demorou em promover ajustes nas equipes pedagógicas, para aprimorar os projetos curriculares, especialmente no Ensino Fundamental, e começar reformas de ampliação do campus”.

Soninha Barreto, atual diretora do Ensino Fundamental I, na escola desde 1974, viu o Eduardão enfrentar a cisão da escola e aproximar as equipes: “Ele foi marcando presença, com cuidado porque havia animosidades, mas ele era muito arrojado e inspirava respeito e confiança”. O Ensino Fundamental I

funcionava bem, com material apostilado, muito tradicional: e ele encarou a necessidade de renovação. Em 1998, nova direção assume o curso, sob a liderança de Cristine Conforti, que havia sido professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio desde 1975. O Ensino Fundamental 2 também passou pelo mesmo processo e Soninha acabou sendo vice-diretora dos dois cursos. “Ele era inovador e arriscava, sem ser imprudente: apostou muito em nós e nos tranquilizava dizendo que nós podíamos voar à vontade nos projetos, que depois ele pousava o avião”.

Impressão semelhante teve a professora de Filosofia Gilda Pompeia quando, em 1997, Luiz Eduardo a convidou a participar da reforma curricular para o Ensino Médio, que incluiria o que hoje se chama Práticas em Cidadania, um curso com estágios participativos em instituições de terceiro setor ou viagens de convivência, para colocar os alunos em contato com a alteridade (comunidades de indigentes, índios, quilombolas...). “Eduardo me deu carta branca. Era um homem de seu tempo, com grande antevisão, e era encantado pelo terceiro setor. Queria renovar a Ação Social no Ensino Médio e tinha abertura e ousadia para enfrentar os riscos”. Quando em 2000, na véspera de levar o primeiro grupo de alunos para a Amazônia, ela não conseguia dormir à noite, calculando todos os perigos que enfrentaria, acabou ligando apavorada para o Eduardo, “pedindo sua bênção”. Ele respondeu com assertividade: “Vai que vai dar tudo certo. Qualquer coisa estou por aqui!”. E deu: até hoje o Colégio leva alunos do Ensino Médio para conviver com comunidades ribeirinhas na Amazônia.

Esse mesmo desprendimento cuidadoso foi necessário para inaugurar a Educação Infantil, em 2000. Fábio Aidar esclarece: “A motivação era ampliar o projeto educacional da escola, incluir crianças menores e mais diversas, mas o espaço mais disponível para abrigar esse sonho do Eduardo era a casa dos padres, onde chegaram a morar treze religiosos na década de 1960; seria necessário reformar a casa toda e adquirir outro imóvel para os padres, fora da escola”. Isso exigiria aquele tipo de articulação negociada em que Eduardo era mestre: e ele sabia que podia contar com a reconhecida generosidade do padre José. Ainda assim, mesmo com uma casa mais

confortável a poucos metros da escola, houve resistência de alguns membros da comunidade. Mas a obra de J. C. Serroni já estava em curso e o espaço, inspirado na arquitetura de Antoni Gaudí e Friedrich Hundertwasser, foi inaugurado antes da virada do milênio.

Essa seria a primeira de uma série de grandes obras no campus, planejadas por Luiz Eduardo e concluídas com a inauguração da nova biblioteca neste ano de 2020. “Desde que comecei a trabalhar no Colégio, com a obra do teatro, inaugurado em 2002, a área construída quase triplicou, com o novo pavilhão do Ensino Fundamental 1, as reformas nos demais prédios, a construção do estacionamento subterrâneo (e os desafios com o lençol freático) e do novo ginásio de esportes”, descreve o engenheiro Guilherme Taunay Ferreira, ex-aluno (turma de 1985) contratado para acompanhar as obras e coordenar o campus.

\* \* \*

Paralelamente à atuação no Colégio Santa Cruz, havia outro espaço que acabaria ocupando lugar fundamental na vida de Luiz Eduardo e tornando suas aspirações educacionais mais públicas e abrangentes: o Conselho Estadual de Educação de São Paulo. Lá, ao longo de décadas, pôde se dedicar à causa da educação em sentido amplo, como sonho largo e entrega paciente à construção de uma sociedade mais justa.

Responsabilidade iniciada pelo Padre Corbeil, que participou do Conselho de Educação desde sua fundação, de 1963-1969, e depois de 1971 a 1985, Eduardo herdaria e ampliaria esse legado. Antes mesmo de Eduardo tornar-se membro efetivo, em 1986, Arthur Fonseca Filho já notara no companheiro do padre simpático um perfil humanista e uma visão abrangente de educação. “Ele tinha uma cabeça aberta, com o olhar das exatas, mas um intelectual”, lembra. Tornaram-se parceiros e amigos, não só no Conselho, mas também no Santa Cruz e na vida, embora tivessem temperamentos muito diferentes: “eu, mais franco e desbocado, meio caipira e desajeitado; Eduardo mais formal e reverente, um lorde”.

Juntamente com o Dr. Pedro Kassab, formaram um trio de muita identidade que ajudou o Conselho a preservar a autonomia das escolas: “era um momento nos anos 1990 em que a legislação delegou aos conselhos estaduais a definição de diretrizes importantes e foi possível dar liberdade ao trabalho escolar”, avalia Arthur.

Eduardo trabalhou em câmaras e comissões, como presidente ou vice-presidente em muitas delas, por seis mandatos, os quatro últimos de forma consecutiva, desde 1998. Redigiu incontáveis pareceres e se dedicou aos ritos do Conselho, chegando a presidi-lo de fevereiro de 2004 a agosto de 2005. “Ele era muito hábil na costura, nas articulações; era um homem político”, sintetiza Arthur.

Nesses textos e nos editoriais do Colégio Santa Cruz, em discursos que preparava pacientemente e proferia com eloquência, Luiz Eduardo registrou suas reflexões sobre os mais diversos temas educacionais. Uma boa parte delas é dedicada ao esforço de descrever nosso tempo presente e compreender o complexo e instável universo no qual se inscreve a educação: a diluição dos valores que sustentam a coesão da família e o percurso ético do cidadão; a crise da autoridade; a indiferença da juventude, seduzida pela efemeridade do consumo e pela superficialidade das relações; a revisão da própria ideia do conhecimento, inserido numa cultura da simultaneidade, de percepção fragmentada e ágil.

Suas reflexões são, acima de tudo, a afirmação da essência renovadora da educação. Invocam o poder da inteligência e da ética, além da responsabilidade coletiva pela história e pela vida.

\* \* \*

Essa combinação de educador reflexivo, administrador visionário e gestor competente consolidou em torno de Luiz Eduardo, sobretudo entre os alunos a partir dos anos 1990, a imagem de um executivo pouco carismático, mais distante do que os diretores anteriores e menos afetuoso do que os diretores dos cursos. Não era de frequentar o pátio, não visitava as salas



de aula, muito excepcionalmente parava para conversar. Uma vez, já nos anos 2000, uma turma de alunos do último ano, em meio aos festejos que tradicionalmente marcam a última semana de aulas, começou a cantarolar os seguintes versos: “Eduardão / cadê você? / Eu vou embora sem te ver”. Era uma ironia diante do fato de que, ao longo dos três anos do Ensino Médio, muitos não tinham lembrança de estar com o diretor em nenhum momento. “Eles se ressentiam de não conhecer seu diretor geral”, afirma Ana Tomasia, que foi quem sucedeu o Eduardão como professora de Matemática nos anos 1970 e lembrava como ele era próximo dos alunos. Ele acusou o golpe e, já no ano seguinte, tratou de dar as caras em duas ou três ocasiões.

Também ao longo dos 17 anos em que o Colégio ficou sob seu comando, alguns professores se ressentiam por cruzar com o chefe nos corredores e não ouvir sequer um “bom dia”. Eduardão dizia-se tímido, mesma razão pela qual passou a vida lendo e ensaiando os discursos, pouco afeito às declarações de improviso. E justificava a falta de proximidade com os professores dizendo que os diretores dos cursos é que deveriam exercer essa intermediação. Uma vez, ouviu dos professores Reinaldo Espinosa e Sílvio Nepomuceno, quando a dupla dirigia o Fundamental 2, uma esperançosa cobrança para que ele participasse, mesmo que eventualmente, de reuniões com os docentes daquele curso. “Não é necessário”, ele teria argumentado. “Estou a par de tudo o que acontece por meio de vocês”.

Ao mesmo tempo, Eduardão era craque em promover encontros extraoficiais, sobretudo com os diretores e coordenadores dos cursos, muitas vezes em sua própria casa. Seus filhos afirmam que a mesa de jantar vivia cercada de padres e professores, bem como dos membros do conselho e de personalidades ligadas à política educacional. Em algumas semanas, havia visita para jantar quase todas as noites. Nos anos 1980, ficaram famosos no Colégio os saraus que ele promovia, confraternizações regadas a música e literatura, ocasiões em que Eduardão podia demonstrar seu lado mais intelectual, afeito às artes, às letras e também à filosofia. Poucos sabem, mas já em 1978, pela mesma Abril Cultural que havia publicado os livros de matemática que ele escrevera com os colegas Astor e Pascarelli, Luiz Eduardo foi

um dos organizadores do volume sobre Bertrand Russell da famosa coleção *Os Pensadores*. Ao mesmo tempo, era assíduo leitor de romances policiais e apreciador de Manuel Bandeira e Mário de Andrade, entre outros poetas.

Na direção, Eduardão adquiriu também o costume de organizar uma confraternização anual com os membros do Conselho Pleno, sempre em meados de dezembro, como forma de encerrar o ano letivo. Os jantares ocorriam sempre em restaurantes, uns mais badalados, outros mais requintados. Eduardão definia a data e, por volta das 19h, padres e diretores entravam num ônibus do Colégio. O destino era surpresa. O próprio diretor geral fazia o dever de casa: pesquisava, visitava antes, reservava a mesa e encomendava o menu para vinte e tantos comensais. E também as garrafas de vinho que harmonizariam com cada prato. “Era sempre um restaurante que estivesse em evidência ou fosse novidade”, conta Malu. Para Eduardão, esses encontros eram uma forma de colocar em prática, e com audiência, uma de suas grandes paixões: a gastronomia. “Ele era um gourmet e gostava de conversar sobre isso”, diz Fábio Aidar. “Nos meus aniversários de casamento, eu sempre pedia para o Luiz Eduardo me dar dicas de aonde ir com minha esposa”.

A paixão pela gastronomia também era exercida no ambiente doméstico. “Ele assinava a revista *Gula* e, em Ubatuba, testava várias receitas”, conta a filha Bel. “Com duas vantagens: a primeira era que eu deixava todos os ingredientes cortadinhos para ele; a outra é que ele podia ficar de chinelos, sem se preocupar com a roupa, porque em São Paulo ele estava sempre na estica”.

Frequentador assíduo de bons restaurantes, Eduardão era constantemente cumprimentado nesses lugares. Quando não eram nomes da educação ou da política ou interlocutores com os quais Luiz Eduardo mantinha relações de amizade após tantos anos de atuação em conselhos e comissões, quem o cumprimentava eram os ex-alunos das quarenta turmas que “passaram por ele”, como professor ou como diretor, desde 1969, e que agora tinham as mais diversas profissões e estavam espalhados por diferentes empresas, bancos, órgãos públicos, emissoras de televisão e as mais variadas áreas do conhecimento. De fato, era melhor não descuidar do visual.

\* \* \*

Em 1999, Luiz Eduardo diagnosticou um câncer de próstata. Havia bobeadado com o calendário de exames e consultas com o urologista e, quando percebeu, o PSA, um marcador que indica o inchaço da próstata, estava nas alturas. Foi preciso fazer a prostatectomia radical, ou seja, a retirada da glândula, e completar o tratamento com sessões de radioterapia e hormonoterapia. Assim que a doença entrou em remissão, já no ano seguinte, Eduardão inaugurou uma das fases mais produtivas e intensas de sua trajetória. Foi o período do cinquentenário do Colégio, da inauguração do teatro, das maiores transformações no campus. Emendava uma obra atrás da outra – uma em casa e outra no Colégio – e fez diversas viagens.

Em outubro de 2005, quando todos comemoravam a vitória sobre o câncer após cinco anos de torcida e exames negativos, foi a filha Lena quem recebeu um diagnóstico que deixou Luiz Eduardo arrasado. Ela tinha um cavernoma encefálico, um tipo de lesão vascular, e precisaria ser submetida a uma cirurgia intracraniana.

Na véspera da cirurgia, não foi o diretor de 1,87 m quem chamou Malu para uma conversa, mas o pai amoroso e dedicado.

— Quero te contar uma coisa — ele disse à amiga. — Não gosto de barganha, mas fiz uma com a santa.

O que Eduardão chamou ironicamente de barganha era, na verdade, uma afetuosa promessa que ele havia feito a Nossa Senhora:

— Me leva, mas deixa a minha filha.

Nossa Senhora Aparecida era a santa de devoção dos pais de Eduardo, a quem fizeram inúmeras promessas para ter o segundo filho ao longo dos 18 anos de tentativas frustradas e abortos espontâneos que se sucederam entre os nascimentos de Edmundo, o primogênito, em 1927, e Eduardo, em 1945. Quando o caçula finalmente nasceu e, sobretudo, vingou, os pais o levaram para ser batizado em Aparecida, no Vale do Paraíba. Embora sem o mesmo fervor religioso de seus pais, era em Nossa Senhora que Luiz Eduardo se agarrava nos momentos de angústia.

A cirurgia foi um sucesso. Lena teve uma seqüela muito leve e se recuperou rapidamente, com os melhores prognósticos. Três meses depois, em Ubatuba, Eduardão começou a se sentir muito cansado, com dificuldade de respirar, e com fortes dores no peito, que só arrefeciam quando ele estava na água. Subiu a serra dirigindo e foi direto para o Sírío Libanês, certo de que sofria um infarto.

— Seu coração está bom — explicou o cardiologista Roberto Kalil.

— Mas você precisa dar uma olhada no seu pulmão.

Luiz Eduardo procurou o Fábio Jatene no mesmo dia e fez uma punção para tirar 1,5 litro de líquido do pulmão. Os exames seguintes foram implacáveis: era câncer. Outra vez. Um médico chegou a anunciar que ele teria seis meses de vida. Um baque.

O oncologista Antonio Carlos Buzaid assumiu o caso e, aos poucos, o prognóstico foi melhorando. Entre 2006 e 2009, Eduardão voltou a produzir, viajou algumas vezes, comandou obras na escola. Também tratou de oficializar o processo de sucessão. “No começo eu resisti, tentava evitar essas conversas, dizia que ele seria diretor por muitos anos”, conta Fábio Aidar. “Mas no último ano eu entendi que não dava mais para adiar”.

— Agora está na hora de você me escutar — disse o chefe.

Sua saúde sofreu um revés no começo de 2010. O vigor físico já não acompanhava a personalidade enérgica e o porte colossal. Agora, as sessões de quimioterapia tinham espaço central na agenda. Era preciso se adaptar às circunstâncias. “A gente despachava do hospital”, conta Fábio. “Ele me ligava, dizia que ia entrar numa quimioterapia de duas horas e pedia que eu fosse encontrá-lo para resolver as coisas”. No quarto ou no ambulatório, o Sírío Libanês se transformou num posto avançado do Colégio para o “governo de transição”.

Ainda em janeiro, em meio ao tratamento, Eduardo procurou a Malu, na época assessora da direção, com uma missão especial.

— Quero que você convide o Fernando Henrique para vir ao Colégio dar uma palestra sobre drogas — explicou. — E precisa dizer que ele não pode cobrar cachê.

O ex-presidente topou e a conferência foi agendada. FHC fez sua palestra no teatro no dia 12 de março. Foi a primeira vez que Eduardão apareceu em público numa cadeira de rodas.

Encaminhada sua substituição pelo Fábio na direção do Colégio, Luiz Eduardo tratou de preparar a sucessão também em casa. Físico de formação e professor de Matemática por adoção, pôs-se a fazer contas.

— Preciso durar até maio — dizia.

Luiz Antonio, o filho mais velho, não entendeu aquela frase num primeiro momento. O pai explicava: no dia 7 de maio de 2010, ele completaria 65 anos, idade em que mudaria o valor da pensão a ser recebida pela Antonia conforme o seguro de vida e o plano de previdência que ele contratara.

— Se eu durar até maio, melhora muito para ela.

Maior chegou. Luiz Eduardo passou o aniversário com a esposa em Paris. As férias escolares de meio de ano vieram em seguida. No dia 26 de julho, uma segunda-feira, Eduardão faleceu, aos 65 anos. Três dias antes, na sexta-feira, ele havia impresso alguns poemas e deixado as cópias com o filho Luiz Antonio. Entre eles, alguns versos de Manuel Bandeira, do livro *Libertinagem*, publicado em 1930. “Quando a Indesejada das gentes chegar”, dizia o poema, “talvez eu tenha medo”. E mais adiante: “Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, a mesa posta, com cada coisa em seu lugar”. Luiz Antonio leu o poema na missa de sétimo dia. O pai, ele contou, havia feito exatamente aquilo. Deixara o campo lavrado, a casa limpa e a mesa posta. Em casa e no Colégio. E, principalmente, buscara ensinar aos filhos, aos alunos e aos amigos a também lavar o campo, limpar a casa e pôr a mesa. O Santa Cruz, seu habitat natural desde 1969, era reflexo disso. E seguiria se reinventando, como campo lavrado e semeado por mãos amorosas.

Ao se despedir, Luiz Eduardo deixou o Colégio em obras, como era de seu feitio. Havia um pavilhão em plena construção. No ano seguinte, o novo prédio seria batizado com seu nome.

“Guardo a imagem de um líder nato, um intelectual bem preparado”, lembra Padre Laudeni, então superior do distrito dos padres de Santa Cruz no Brasil e hoje pároco na Igreja de São José do Jaguaré.

“O mais completo gentleman que eu conheci, Luiz Eduardo tinha grande sensibilidade cultural e política e foi, antes de tudo, um notável e preparado educador”, diz o primo Carlos Guilherme Mota, professor titular de História Contemporânea e diretor fundador do Instituto de Estudos Avançados da USP. Fábio Aidar, seu sucessor no Colégio Santa Cruz, sintetiza: “Muito determinado, tanto na administração quanto na pedagogia, um educador mesmo, vibrante, apaixonado, vital”.

Uma década após sua partida, seu legado não cabe nas trinta salas de aula do Pavilhão Luiz Eduardo. Tampouco pode ser contido na onírica arquitetura da Educação Infantil, no amplo teatro ou no arrojado centro de informática. Em cada porção do Colégio e em cada jardim, a marca de Luiz Eduardo pode ser percebida no compromisso reiterado dos funcionários e educadores, todas e todos, com a permanente construção do futuro. Um futuro alto como o “Grandão”.

## **Série “Santa Cruz de Perfil”**

### **Edições já publicadas:**

**Padre José Amaral de Almeida Prado: sacerdote da esperança, educador de minúcias**

(setembro de 2015)

**Padre Roberto Grandmaison: fermento na massa**

(setembro de 2016)

**Padre Paul-Eugène Charbonneau: o boxeador que ensinava a pensar**

(setembro de 2017)

**Padre Lourenço Roberge: razão, fé e sensibilidade**

(setembro de 2018)

**Padre Lionel Corbeil: pragmático sonhador**

(novembro de 2019)

**Prof. Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães: o educador que inventou o futuro**

(dezembro de 2020)



Colégio Santa Cruz

